

# Os princípios comportamentais servem para os revolucionários?

Are behavioral principles for revolutionaries?

Los principios conductuales sirven para los revolucionarios? <sup>1,2,3</sup>

James G. Holland ✉

Estamos muito orgulhosos dos resultados que têm emergido do laboratório de condicionamento operante. Os usos da modificação do comportamento na terapia, na reabilitação de detentos e na educação, na forma de instrução programada e do manejo da sala de aula, são proezas que prometem melhorar a vida de todos, na medida em que essas técnicas se tornem cada vez mais presentes em nossa sociedade. No manejo de contingências, já passamos do trabalho com indivíduos, na correção de “sintomas”, para o manejo de pequenos grupos em salas de aula ou em enfermarias de hospitais, e vemos a possibilidade de passar a grupos maiores ou a sociedades inteiras. Enquanto experimentamos satisfação pelo sucesso, existem cada vez mais objeções por parte

daqueles que veem com temor os resultados que, para nós, é motivo de orgulho. Essas pessoas são, nos termos do livro de Skinner, *Beyond Freedom and Dignity*, os autores da literatura da liberdade e da literatura da dignidade. Creio que por detrás de suas preocupações existem problemas que justificam todo o temor que elas manifestam. No entanto, é uma pena, e até mesmo um perigo, que apresentem o problema de maneira incorreta. Defendem a questão do livre-arbítrio e opõem-se à proposição de que todo comportamento obedece a certas leis fundamentais que permitem manipulá-lo. Ou, pelo menos, argumentam que se o comportamento não sofresse interferência por parte dos manipuladores, existiria uma liberdade pessoal básica. Por outro

1 Tradução de Carlos Eduardo Lopes, Carolina Laurenti e Natanael David Acevedo.

2 NT: Trabalho apresentado no II Simposio sobre Modificación de Conducta, em 1972, no México. Embora o texto original seja em inglês, a tradução em espanhol foi publicada primeiro como capítulo do livro *Modificación de Conducta*. [Holland, J. G. (1973). ¿Servirán los principios conductuales para los revolucionarios? In F. S. Keller, & E. R. Iñesta, (Orgs.), *Modificación de conducta: Aplicaciones a la educación* (pp. 265-281). México: Trillas]. Somente um ano depois (em 1974) o texto original em inglês foi publicado na versão em inglês do mesmo livro. [Holland, J. G. (1974). Are behavioral principles for revolutionaries? In F. S. Keller, & E. R. Iñesta (Orgs.), *Behavior modification: Application to education* (pp. 195-208). New York: Academic Press, Inc. Esta tradução foi feita com base no texto original em inglês.

3 Muito da preparação deste trabalho foi financiada pelo Learning Research and Development Center, por fundos do United States Office of Education, Department of Healthy, Education, e Welfare. As opiniões aqui expressas não necessariamente refletem a posição ou a política do Office of Education e nenhum aval oficial deveria delas ser inferido.

---

lado, contra-atacamos com nossa evidência da regularidade [*lawfulness*] do comportamento e com nosso sucesso na clínica, na escola e na reabilitação de detentos; dada essa regularidade, defendemos o planejamento deliberado no controle dos assuntos humanos, ao invés de deixá-los à mercê de contingências acidentais.

As duas partes deste diálogo, os autores da literatura da liberdade e da dignidade de um lado, e os planejadores dos sistemas de modificação do comportamento de outro, devem definir cuidadosamente as questões em debate. No planejamento da cultura e no manejo do comportamento na sociedade atual, quais são as possibilidades e as probabilidades do uso final de nosso trabalho? De que forma nossa sociedade atual evoluirá quando os encarregados de tomar as decisões se valerem mais e mais de nossos talentos? Podemos esperar um agravamento dos problemas de nossa sociedade, discutidos na literatura sobre a liberdade e a dignidade? O manejo de contingências, tal como o conhecemos hoje, não estabeleceria automaticamente, como um subproduto, as piores características de nossa sociedade? Por outro lado, existem valores e estruturas sociais alternativos, por mais diferentes e revolucionários que sejam, que podem exigir que nos transformemos para alcançá-los? Dado um conjunto de metas completamente diferentes para a sociedade, qual papel poderia desempenhar o manejo de contingências na formação e manutenção dessa sociedade?

Vou sugerir que: (1) existe uma base real e decisiva para a resistência dos críticos que se opõem aos analistas do comportamento, no que diz respeito ao planejamento de sistemas de controle social. O perigo é ainda maior porque as técnicas de modificação do comportamento funcionam, a despeito das

afirmações dos críticos de que elas não funcionam ou de que funcionam somente para finalidades limitadas. (2) Em uma sociedade radicalmente diferente, não apenas há um grande papel reservado ao planejamento da mudança deliberada do comportamento, mas, de fato, a transição bem-sucedida da sociedade atual para uma sociedade revolucionária exige o planejamento de tal mudança. (3) A forma que a modificação do comportamento assume nas sociedades revolucionárias, enquanto refletir as mesmas leis subjacentes do comportamento, será muito diferente no que diz respeito à natureza dos reforçadores e no modo como as contingências serão estabelecidas e avaliadas.

Para desenvolver esses pontos eu preciso necessariamente caracterizar nosso sistema atual e delinear um sistema alternativo em potencial para que possamos explorar as implicações da modificação do comportamento em cada um deles. É natural que um psicólogo tradicional, treinado em laboratório, sintasse desconfortável ao visitar, mesmo que brevemente, a ciência política, mas, no final das contas, o uso potencial das técnicas de modificação do comportamento para o planejamento cultural faz com que essa visita seja inevitável. A sociedade norte-americana moderna, a tradição europeia ocidental da qual viemos, e nossa esfera global de influência sobre nações subordinadas, eufemisticamente rotuladas “o mundo livre”, são governadas por e para uma pequena classe elitista. O psicólogo social William G. Domhoff compilou dados impressionantes que demonstram esse ponto. Em seus livros, *Who Rules America?* e *The Higher Circles*, ele fornece definições operacionais claras dos membros da classe superior, mostrando que ela tem a sua base em corporações norte-americanas, constituindo uma classe governante que as controla por meio de

uma posse desproporcional de suas ações, de uma pesada representação nos conselhos corporativos, e de diretores. Além disso, esses mesmos indivíduos estão pesadamente representados nos conselhos de fundações, universidades e principais empresas de comunicações; eles controlam o governo dos Estados Unidos, determinando quais pessoas podem ser indicadas por cada um dos grandes partidos, que obtêm os indispensáveis fundos de campanha exigidos para disputar o cargo. Ademais, os membros da classe superior também estão no controle direto dos principais departamentos e das agências mais cruciais do governo, mediante representações nos diferentes gabinetes, nos Departamentos de Estado, Comércio e Trabalho, e como membros dos círculos privados da maioria dos presidentes. Abaixo do topo dessa elite corporativa, há uma hierarquia de cargos e papéis para as pessoas. Nas corporações, isso é descrito nos organogramas usuais, que mostram o conselho no topo, os diretores abaixo do conselho, os principais gerentes abaixo dos diretores, os chefes de departamento e assim sucessivamente até chegar ao trabalhador mais baixo. A posição de cada pessoa na hierarquia está definida; existem os que estão no topo e os que estão na base; cada um pode identificar seu lugar de acordo com seu grau de importância dentro do sistema. No exército, isso é representado na conhecida estrutura das patentes, que vai do general até o soldado raso. Nas escolas, existem os diretores, vice-diretores, professores, monitores [*paraprofissional*<sup>4</sup>] e, no final, evidentemente, os estudantes.

Uma análise das contingências de reforçamento naturais existentes no sistema constitui um exercício interessante, o qual, penso eu, é muito valioso e proveitoso para os modificadores de comportamento modernos. Os sistemas de reforçamento dessa sociedade estão baseados principalmente na aquisição de lucro material pessoal e no privilégio e *status* pessoal. Os sistemas de reforçamento tendem a encorajar a competição: obter mais que os vizinhos, conseguir reconhecimento e *status* superior ao dos companheiros, ascender ao nível seguinte na hierarquia da elite. No entanto, é necessário esclarecer que a sociedade está estratificada de forma bastante rígida, mais do que comumente se acredita. Frequentemente, a mobilidade ascendente está mais para uma ilusão, que conduz a população por meio de controles sociais bastante rígidos. Mesmo assim, o pobre trabalha duro para “subir”, desempenhando a função de zelador ou de ajudante de algum profissional da classe média. Ainda que haja tendências opostas no interior da cultura, que explicam a existência da literatura sobre a liberdade e a dignidade, os elementos dominantes no sistema de reforçamento continuam sendo o egoísmo e a competitividade por bens de consumo e privilégios. O estudante se esforça por uma nota competitiva na escola – para atingir a maior média e a admissão em uma universidade, uma boa posição em uma corporação etc. Em cada caso, a contingência está estabelecida pelo próximo degrau da elite e alguém só o galga agradando essa elite. Mas lembremos que no topo encontra-se uma classe dominante amplamente he-

---

<sup>4</sup> N.T. No Brasil não existe um cargo regulamentado equivalente ao *paraprofissional*. No campo da saúde, o que mais se aproxima disso é o auxiliar de enfermagem. Trata-se de um profissional que auxilia em algumas tarefas secundárias, mas não é habilitado para desempenhar a profissão propriamente dita. No caso da educação o *paraprofessional educator* é responsável por auxiliar os professores, por exemplo, atendendo a dúvidas de alunos fora dos horários regulares das aulas.

reditária, que estabelece as metas gerais para todas as instituições sociais.

Poderíamos perguntar, na sequência, onde o psicólogo profissional se encaixa nesse sistema. Ele usualmente trabalha por subvenções e está empregado em uma universidade ou outra instituição. Tanto a agência que outorga as subvenções, quanto as instituições contratantes são controladas pela classe superior e estão a serviço das metas gerais da sociedade. Assim, em última análise, temos que a maior parte do trabalho serve para apoiar a elite, que está no poder, e o sistema, seja diretamente, em suas formas iniciais, seja indiretamente, no sentido de que depois que os procedimentos iniciais forem desenvolvidos, os métodos estarão prontos para serem utilizados por aqueles com dinheiro e recursos suficientes para usá-los. O psicólogo, então, não é mais necessário. Com pouco treinamento, técnicos podem ser ensinados a arranjar reforçadores ou estímulos aversivos necessários para por em prática os procedimentos de modificação do comportamento. Cursos de treinamento são comuns para professores, pais, enfermeiras psiquiátricas, agentes penitenciários, entre outros, com o objetivo de prepará-los para o uso da modificação do comportamento. Portanto, a responsabilidade pelo seu uso, frequentemente, não ficará com um pequeno grupo profissional identificável, que poderia ser regulado por um código de ética e responsabilizado mais facilmente perante a sociedade.

A relação entre o psicólogo e o beneficiário da modificação do comportamento, geralmente, não será uma relação tradicional entre um profissional e seu cliente. A pessoa ou grupo de pessoas, cujo comportamento está sendo modificado, pode não apenas carecer de contato direto com o psicólogo,

como também seu comportamento pode estar sendo controlado em benefício de alguma outra pessoa ou grupo. Parece claro que em nosso atual sistema social as pessoas que determinarão quem são aqueles cujo comportamento será modificado, e para qual objetivo, serão as que estão no poder. A ciência estará a serviço daqueles que dominarem os meios para usá-la.

O uso por parte do exército dos Estados Unidos do sistema de manejo de contingências, planejado por psicólogos, para o treinamento básico ilustra que essa é a direção a ser esperada nas aplicações dos procedimentos de controle do comportamento. O tenente coronel Datel e o tenente coronel Legters (1970) desenvolveram um sistema de reforçamento por economia de fichas, abarcando todos os aspectos do treinamento militar básico, desde a inspeção de quartéis, formação e treinamento de tiro, até vários desempenhos em provas objetivas. Oficiais e sargentos perfuravam áreas designadas no cartão dos recrutas quando os critérios para o reforçamento eram atingidos. Os pontos acumulados eram trocados por privilégios, tais como assistir a um filme ou uma dispensa para o final de semana. Além disso, os três primeiros colocados recebiam uma promoção e aumento de salário ao término das oito semanas de treinamento.

Esse é um exemplo claro do uso da modificação do comportamento a serviço do poder. As técnicas de modificação do comportamento no treinamento básico eram usadas para criar um exército melhor. Muitos podem apreciar o fato de que o controle aversivo tradicional foi, aqui, substituído pelo reforçamento positivo, e isso certamente deve parecer mais humano para o recruta. Mas isso não foi feito com um propósito humanitário; foi feito para tor-

nar o exército melhor – para que pudesse executar melhor sua missão de proteger e expandir o império norte-americano. Os coronéis Datel e Legters aprenderam bem as lições da análise experimental do comportamento, ao notar que o controle aversivo gera contracontrole e que um exército seria mais efetivo com a introdução do reforçamento positivo. O segundo ponto a se notar é que a forma do manejo de contingências usada pelos coronéis, e característica de muitas economias de fichas, tem como subproduto o conceito de uma estrutura de elite. É o quadro treinado quem distribui os pontos: sargentos instrutores, sargentos de pelotão e oficiais. Uma mensagem tácita do sistema é que há aqueles que são os melhores, os que estão acima na elite e que, legitimamente, tem maior poder e mais privilégios. (Um efeito colateral similar foi discutido por Illich (1971) em sua descrição de como as escolas vendem o conceito de ensino escolar [*schooling*], convencendo a população de que a aprendizagem adequada tem origem unicamente no contexto de uma escola.) Nesse, e em outros casos, vemos que a forma do sistema de manejo de contingências assume as características da estrutura de elite a qual serve. Mas o ponto importante, aqui, é a relação entre a pessoa sobre a qual opera o sistema e a pessoa ou instituição a qual ele serve. O sistema de reforçamento não foi planejado para os soldados, mas para os dirigentes do exército. O exército é o cliente, mas o soldado, como indivíduo, é quem recebe o tratamento. E a validade final do sistema dependerá da avaliação da missão do exército e não do efeito sobre o soldado.

Os militares proporcionam muitos outros exemplos de nossa ciência a serviço da estrutura do poder. Psicólogos contratados pelo exército enfrentaram uma situação identificada em dados de guerras passadas,

que mostraram que menos de 25% dos homens em condições reais de combate dispararam suas armas (Marshall, 1966). Os psicólogos acrescentaram procedimentos ao treinamento básico para aumentar a prontidão do soldado em atirar com mais frequência e maior eficácia. Esses procedimentos aumentaram a porcentagem na guerra do Vietnã para 55%, mostrando, assim, uma diminuição na relutância dos jovens norte-americanos para matar. O verdadeiro cliente do produto profissional foi o exército, enquanto que o beneficiário do procedimento foi o soldado. O fato de que essas técnicas servem às pessoas no poder, e não àquelas que recebem seu impacto direto, pode ser ilustrado, de forma inequívoca, no uso da modificação do comportamento nos programas de pacificação, levados a cabo fora do país. Aqui, os recursos para o uso de nossas técnicas existem em uma escala gigantesca, em comparação ao uso digno ocasional em hospitais psiquiátricos dos Estados Unidos.

Uma pesquisa (Gordon & Helmer, 1964) com especialistas em sistemas de armas, conduzida pela *Rand Corporation*, prognosticou como o mais importante sistema de armas o controle comportamental das grandes populações, e a maior parte desses especialistas espera que isso será realidade por volta de 1980; isto é, a boa e velha competência norte-americana ganharia, por uma diferença de quatro anos, dos mestres ingleses de 1984. Estamos, de má vontade e involuntariamente, contribuindo para esse desenvolvimento? Muito cedo, versões mal-acabadas do manejo de contingências estão desempenhando um papel em nossos programas de pacificação. Howard Walters (1968), em um capítulo sobre psicologia militar, descreveu o estudo de caso denominado “Programa de Fichas de Ação Cívica”, que incluiu o uso de doces para reforçar crianças de um povoado e o

uso de uma loteria (isto é, uma espécie de “esquema de razão variável para a comunidade”) para reforçar a conservação de panfletos de propaganda. Várias outras tentativas planejadas de usar reforçamento positivo trivial estão incluídas na denominada “pacificação” de um povoado. Felizmente, os procedimentos são primitivos e relativamente ineficazes. Mas, na medida em que os senhores da guerra aprendem conosco, o povo do Vietnã e de outros lugares ficarão a salvo? Alguém poderia argumentar fortemente que os beneficiários da modificação do comportamento estão sendo ajudados por essas manipulações.

Um exemplo ainda mais odioso e óbvio é encontrado em uma proposta de pesquisa elaborada pelo *American Institutes for Research* (1967), que solicitou e recebeu mais de um milhão de dólares. O Instituto propôs que os cientistas sociais trabalhassem nos problemas de contra insurreição na região rural da Tailândia. A seguinte citação, extraída dessa proposta, indicará um pouco a concepção que eles têm do possível manejo do comportamento:

. . . o efeito de um dado elemento de estímulo sobre um dado indivíduo, em um dado momento no tempo, é modelado pelas experiências desse indivíduo ao responder a esse estímulo, no passado. (American Institutes for Research, 1967, p. 6)

Além disso,

. . . as condições que fazem mudar os padrões de estímulo-resposta já estabelecidos – ou modificando a história de experiências do indivíduo com esse elemento de estímulo, ou modificando as circunstâncias atuais das quais depende a efetividade desse elemento

de estímulo . . . as chamaremos “condições disposicionais”. (American Institutes for Research, 1967, p. 8)

Por exemplo:

A oferta de comida em troca de certos serviços proporciona um exemplo conveniente. Se no passado isso foi um estímulo poderoso, provavelmente se pode enfraquecê-lo mediante um incremento na produção agrícola local. Se se trata de um estímulo fraco ou neutro provavelmente se pode fortalecê-lo se a colheita for queimada. (American Institutes for Research, 1967, p. 7)

Vamos adiante. Não limitemos estas concepções sobre engenharia do comportamento a terras estrangeiras. Eles continuam:

A aplicação potencial desses achados nos Estados Unidos também receberá uma atenção especial. Em muitos de nossos programas nacionais mais importantes, sobretudo os destinados às subculturas desfavorecidas, os problemas metodológicos são semelhantes àqueles descritos nesta proposta; e a aplicação em nosso país, das descobertas feitas na Tailândia, constitui uma contribuição para o projeto, potencialmente muito mais significativa. (American Institutes for Research, 1967, p. 34)

Eles estão planejando manipular o valor reforçador da comida em benefício de quem? Do exército e dos imperialistas norte-americanos? E aqueles cujo comportamento está sendo modificado?

Voltando à pátria, uma das histórias que circula entre os condicionadores operantes é sobre uma visita

feita pelo político de direita Ronald Reagan, governador da Califórnia, à enfermaria do *Patton State Hospital* na Califórnia. Reagan observou com interesse o sistema de reforçamento por fichas que se usava para controlar o comportamento de pacientes psicóticos. Reagan, que tem uma longa história de lutas contra o que ele considera “esmolas da previdência social” [“*welfare handouts*”], ficou impressionado com o que viu no hospital *Patton* e comentou que esse era o tipo de donativo com o qual simpatizava, pois “ele era dado por se fazer algo”. A história geralmente é contada com certa satisfação pelo fato de o psicólogo liberal parecer ter enganado Reagan. Mas creio que, nesse caso, Reagan pode ter sido o mais perspicaz. A economia de fichas, neste e em muitos outros exemplos, segue um sistema de elites e, pelo menos como um efeito secundário, parece legitimar esse modelo. Além disso, apesar de saber que os responsáveis pela aplicação das economias de fichas nas alas de hospitais, nas prisões etc. irão se opor a mim, as decisões sobre quais comportamentos devem ser reforçados, frequentemente, parecem depender da criação de um tipo de comportamento que agrada a equipe do hospital – à “Chefona” [“*Big Nurse*”] para os entusiastas do livro de Kesey, *One Flew over Cuckoo’s Nest*. Admitirei aqui algumas de minhas próprias ambiguidades e incertezas. Camas bem arrumadas, pacientes que cuidam de si mesmos, que varrem o chão e limpam o lugar onde vivem, podem representar comportamentos valiosos para os próprios pacientes, mas é evidente que, em definitivo, refletem o que a Chefona deseja. É questionável se enfermeiras que andam por aí distribuindo fichas ajudam muito no estabelecimento da autoestima do paciente.

Um exemplo mais evidente é o caso do psicólogo que usou procedimentos de reforçamento para o

que denominou de “treinamento de sobrevivência” para crianças do jardim de infância, que estavam a ponto de ingressar nas escolas comuns. A expressão “treinamento de sobrevivência” sugere ao leitor um psicólogo ajudando o cliente a lutar em um sistema opressor. Mas, continuando a leitura, dá-se conta de que o denominado treinamento de sobrevivência consistiu em ensinar as crianças a ficar em fila, sentar-se em silêncio, evitar se engajar em conversas, ou outro comportamento que o professor pudesse considerar perturbador. Em outras palavras, ele consiste em levar o estudante a fazer o que o estabelecimento escolar exige. Suponho que tudo isso se obtenha por reforçamento positivo e não por técnicas aversivas, mas isso parece mais uma capitulação que uma sobrevivência.

O que pode fazer o cientista comportamental que deixou de lado a velha racionalização da neutralidade científica, se estiver envolvido com a luta pela justiça? Ao menos deveríamos dar prioridade aos desenvolvimentos que têm a possibilidade de serem úteis às pessoas em geral. Muitas vezes não é possível, sequer teoricamente, que a tecnologia seja usada por aqueles desprovidos de riqueza e poder. Contudo, mais do que isso é necessário. Alguns têm dado continuidade a esse tipo de análise e fechado seus laboratórios. Mas existe ainda outra possibilidade. Podemos tentar transmitir nossas descobertas tecnológicas às pessoas e desenvolver aplicações que sejam mais prováveis de serem úteis para elas do que para a elite. O que é mais importante nesse aspecto para o cientista do comportamento é analisar a operação do controle comportamental em nossa sociedade e comunicar esta análise aos outros, de modo que possam se preparar melhor para o contracontrole. Usando esses dados, ele poderia também analisar os efeitos potenciais de diferentes

formas de contracontrole. Além disso, ele poderia desenvolver uma tecnologia intrinsecamente adaptada para ser usada na luta.

Para ilustrar a primeira possibilidade de análise e interpretação de exemplos societários de controle comportamental, o novo livro de Skinner, *Beyond Freedom and Dignity*, poderia ser uma ferramenta valiosa. É uma pena que aquelas pessoas mais envolvidas na luta pela justiça veem Skinner e os condicionadores operantes como o inimigo, perdendo, assim, uma poderosa ferramenta para analisar o controle exercido no interior do sistema ao qual se opõem. A fim de exemplificar o uso de um elaborado e eficiente sistema de manejo de contingências por parte do governo, podemos examinar o sistema de recrutamento militar.

O *Selective Service System*<sup>5</sup> não está planejado simplesmente para preencher os contingentes militares, mas também para, de forma mais geral, canalizar mão-de-obra. Um documento do *Selective Service* sobre canalização descreve isso como o papel primário do recrutamento, tal como era em 1965, quando o *Selective Service* distribuiu seu Manual de Orientação, contendo um documento sobre Canalização. Ele descreve o uso de dispensas ocupacionais para manter um fluxo de mão-de-obra para empregos considerados de “interesse nacional”. Assim, os poetas em potencial tornaram-se engenheiros. A dispensa ocupacional também forçou muitos a recorrer à atividade de ensino e à aceitação passiva de salários inferiores aos que poderiam ter aspirado, já que o objetivo principal era evitar o recrutamento.

O documento do *Selective Service* também destaca que uma revisão anual das dispensas ocupacionais mantém o recruta potencial em seu emprego de “interesse nacional”. Trata-se, em outras palavras, de uma verificação anual da contingência.

Da mesma forma, filhos de pais da classe média foram direcionados para a faculdade mediante dispensas estudantis, menos acessíveis ao pobre, que não poderia pagar. Eles eram forçados a manter suas notas acima da média, a evitar férias prolongadas, e havia uma pressão, ainda que menor, para evitar as manifestações contra a guerra. Todos eles corriam o risco de perder a cobiçada dispensa. Verificações de contingência sobre reprovação e não inscrição (como uma viagem de um semestre para a Europa) eram automaticamente fornecidas pela maioria das universidades. Nas universidades, os calouros encontravam contingências, que os encorajavam a se inscrever no ROTC<sup>6</sup>. Os mais velhos (isto é, os de vinte e seis anos de idade) eram recrutados primeiro, pois, do contrário, o sistema de manejo de contingências perderia o controle sobre eles muito cedo. Similarmente, os exames médicos ocorriam mais tarde, para evitar uma dispensa médica precoce, que permitiria novamente fugir do manejo de contingência. Por que esta forma de controle da mão-de-obra era usada, ao invés de designar diretamente as pessoas a seus respectivos empregos? Vocês poderiam pensar que a atribuição direta é demasiadamente repugnante para uma sociedade que desfruta da ilusão da democracia, mas a razão dada pelo *Selective Service* é que seu sistema de canaliza-

<sup>5</sup> NT: Trata-se de uma agência norte-americana independente, responsável pelo alistamento e recrutamento militar. Por lei, todos os cidadãos e não cidadãos imigrantes do sexo masculino, quando completam 18 anos, devem se registrar no Selective Service System.

<sup>6</sup> NT: Reserve Officer's Training Corps.

ção produzia os mesmos resultados de forma mais eficiente. O programa ROTC é em si um grande sistema de contingências preparado conjuntamente pelos militares e pela universidade, cujo principal objetivo é transformar nossos novos calouros em oficiais de carreira.

A dificuldade em qualquer sistema de manejo de contingências que envolve muitas pessoas é determinar quando as contingências foram cumpridas. Isso tem limitado grandemente a possibilidade do governo ou de outras autoridades controlarem as atividades da população de modo mais amplo. Todavia, a tecnologia moderna promete ser capaz de superar essa dificuldade. O desenvolvimento de técnicas modernas de vigilância, a rápida ampliação da capacidade dos computadores e a criação de grandes bancos de dados, expandem consideravelmente as possibilidades. Um psicólogo, Schwitzgebel (1969), descreveu um trabalho preliminar com um cinto especial que permite a comunicação por voz em dois sentidos, tanto para a transmissão da voz e de dados fisiológicos simples de um sujeito, quanto para dar um *feedback* a ele. O cinto funcionará do lado de fora de um quarto de um pequeno local, ainda que com alguma dificuldade. Tentativas de remover o cinto também podem ser detectadas. O psicólogo sugeriu que o cinto poderia ser útil para o monitoramento de pessoas com problemas de saúde, tais como diabetes ou epilepsia, e que ele poderia também ser usado para monitorar os movimentos e as atividades de quem se encontra em liberdade condicional. Recentemente, estimou-se que seria tecnicamente factível monitorar várias centenas de indivíduos que usassem esses cintos em uma mesma cidade. Outros desenvolvimentos recentes na tecnologia de vigilância secreta já são usados amplamente por agências do governo fede-

ral e local, bem como por numerosas empresas privadas. Westin (1970) resumiu o atual estado da arte da invasão de privacidade, descrevendo uma multiplicidade de dispositivos, incluindo câmeras, rádios e aparelhos para gravação de vídeo. Transmissores de rádio do tamanho de uma moeda, facilmente plantados em pastas, bolsos, carros e muitos outros lugares, podem rastrear os movimentos de um indivíduo. Transmissores de rádio muito pequenos podem transmitir conversas em curta distância. Um rádio no formato de uma pílula pode ser colocado em frascos de anti-histamínicos e, quando engolido, permite que uma pessoa seja rastreada durante todo o dia. Monitoramento por câmeras de TV tem se tornado lugar comum em elevadores dos edifícios de apartamentos, portarias, vagões de metrô, blocos de celas de presídios, lojas e mesmo nas esquinas. Além disso, existem técnicas para ocultar câmeras de TV em quartos, incluindo o uso de fibra ótica para transmitir imagens de uma esquina a outra. Técnicas aperfeiçoadas pelos militares permitem a vigilância inclusive no escuro. Como o monitoramento de conversas a longa distância requer antenas, existem dispositivos engenhosos para ocultar antenas nas costuras de roupas e no fio usado para costurar um casaco. Receptores podem ser ocultados em cintos e em fivelas. Microfones e transmissores podem ser disfarçados em uma variedade de objetos comuns como bebedouros, mesas de escritório, relógios e cinzeiros. Uma variedade de técnicas também tem sido aperfeiçoada para inspecionar quartos onde o agente não pode entrar.

Desenvolvimentos adicionais de uma tecnologia que cresce rapidamente, os quais aumentam a possibilidade de determinar contingências de reforçamento ou de punição, são bancos de dados. O governo dos Estados Unidos já está reunindo informações pro-

cedentes de um grande número de agências governamentais, extraindo o que elas sabem de cada cidadão. Essas informações referem-se aos impostos, ao seguro social, ao censo, ao recrutamento militar, às solicitações de empregos federais etc. Há também informações computadorizadas em outros segmentos da sociedade e, teoricamente, com o rápido desenvolvimento da tecnologia de computadores, seria fácil utilizá-las e ainda combiná-las em alguma unificação futura computadorizada. Isso inclui informação sobre crédito, informação reunida por agentes de seguros, registros médicos e educacionais computadorizados, e os registros dos computadores das bibliotecas. Além disso, muitos estimam que chegaremos a uma sociedade “carente de dinheiro vivo”, na qual o cartão de crédito será utilizado para todas as compras e os pagamentos creditados automaticamente. Essa estimativa já inclui o rápido acesso ao computador no instante da compra. Um indivíduo poderia ser rastreado por todo o país enquanto viaja, aluga carros, faz registros em hotéis e todo tipo de compras. O potencial futuro do manejo de contingências em larga escala, por meio desses sistemas, parece ser realmente impressionante, mesmo que não para o futuro imediato. Os cientistas comportamentais não precisam ser os agentes do que acabamos de descrever, mas, ao invés disso, podem informar o público dos perigos e ajudar em seus esforços de contracontrole. A segunda área para a qual o cientista do comportamento pode voltar seus talentos seria a criação de uma tecnologia de contracontrole adaptada efetivamente para a luta. Existem poucos exemplos para ilustrar isso. Abbie Hoffman em seu livro *Steal This Book*, e William Powell em seu livro *The Anarchist's Cookbook* descrevem, para os ativistas e revolucionários de hoje, uma variedade de usos possíveis de tecnologias, nem todas comportamentais. O livro de Powell é es-

pecialmente bom para exemplos de procedimentos simples de escuta, interferência de transmissões de rádio e sabotagem. O livro de Hoffman, mais amplo, indica como estabelecer estações legais e ilegais de rádio e de televisão. Hoffman e Powell não são sofisticados no que diz respeito à tecnologia comportamental e muitas de suas sugestões são simplórias. Contudo, existe um exemplo muito recente do que parece ser um sistema de contingências cuidadosamente elaborado. O autor do sistema, se é possível acreditar no FBI, é um psicólogo chamado Ronald Kaufman, que fez seu doutorado na Universidade de Stanford, onde, de acordo com a revista *Newsweek*, trabalhou com pombos (Radicals, 1972). Kaufman delineou um interessante dispositivo baseado em um relógio calendário que mostrava não só a hora, mas também o dia da semana e o mês. O ciclo dos dias e dos números se repete depois de 217 dias; conseqüentemente, convertendo os dias da semana em comutadores e as partes da data em um temporizador elétrico, Kaufman criou um dispositivo de tempo, capaz de detonar bombas depois de muito tempo em que foram armadas. Ele colocou várias amostras dessas bombas em caixas-fortes de vários bancos de diferentes cidades por todo o país. Em seguida, informou as autoridades onde se encontrava cada uma das bombas, demonstrando, assim, sua capacidade de preparar explosões programadas. Ele prometeu que, no futuro, as bombas serão colocadas em vários lugares, incluindo fundações de edifícios recém-construídos, pontes e estradas. Ele sugere, então, que usará isso para resgatar pessoas, exigindo, por exemplo, a libertação de presos políticos em troca da informação sobre a localização exata das bombas colocadas em pontos estratégicos. Assim, ele estabeleceu, de forma deliberada, um sistema de contingências bem definido. Seria interessante ver se seu procedimento funciona. A

técnica que ele usa é, evidentemente, aversiva, o que, potencialmente, pode gerar medidas contrárias indesejáveis, tais como um aumento do orçamento do FBI e uma aceleração de tendências repressivas. Ainda assim, trata-se de um sistema de controle de contingências organizado de forma deliberada para ser usado contra aqueles que estão no poder. Algo tão raro quanto engenhoso. Sem dúvida, devemos esperar que a engenhosidade do manejo atual de contingências desenvolva medidas de contracontrole ainda melhores, quando deixar de servir o poder para estar a serviço do povo.

Qual é o possível papel do condicionamento operante em uma nova sociedade revolucionária? Quando uma força revolucionária toma o poder, a revolução não está completa; ela apenas começou. Suponhamos que a meta da sociedade revolucionária seja tornar todos os cidadãos realmente iguais em *status* e em acesso a bens materiais (sem a possibilidade de que um grupo acumule riqueza às custas de outros). Assim, não há exploração. A ênfase é dada na sabedoria do grupo, e a conquista individual é valorizada em termos de sua contribuição à realização do grupo, e não de ganho pessoal. Aqui, os antigos sistemas de reforçamento da competitividade, acumulação de riquezas, e ascensão no sistema de poder da elite são substituídos pelo altruísmo. A sociedade teria valores tais como o orgulho pelo trabalho realizado. O labor dos trabalhadores e dos camponeses seria valorizado. A cooperação, no lugar da competição, caracterizaria a sociedade. Os indícios de uma classe diretiva e de uma classe intelectual ou acadêmica separadas não seriam reforçados. A maior parte das revoluções socialistas aspiram a uma cultura como essa, mas são muitas (talvez a maioria) as que fracassaram em atingir esse ideal – depois de reformas iniciais consideráveis, fragmen-

tando e redistribuindo grandes propriedades, novas elites surgiram, amiúde, e as pessoas continuaram com muitos dos valores da antiga cultura.

Para que tenham êxito, os sistemas de reforçamento devem mudar. A revolução requer uma transformação do homem. Reich (1970) sugeriu que a nova contracultura dos Estados Unidos constitui a referida mudança revolucionária sem necessidade da tomada do poder por meio da força. Castro, Mao e outros líderes revolucionários descreveram suas revoluções, atualmente em curso, como uma mudança do homem. A revolução cultural da China foi uma tentativa, aparentemente bem-sucedida, de libertar a sociedade de antigas ou novas formas de elitismo. Intelectuais e dirigentes foram reeducados, e agora trabalham parte do tempo em atividades manuais; os estudantes que ingressam na universidade não são os de uma classe média ou alta cristalizadas; e nem são submetidos a exames de admissão. Eles são escolhidos por seus companheiros de trabalho em reuniões de participação geral, nas quais as discussões versam, presumivelmente, sobre questões relacionadas a quem poderia usar melhor a educação para servir a sociedade.

Se o êxito da revolução depende da mudança da natureza do homem, ou de seus valores, então, a mudança da natureza do sistema de reforçamento de cada indivíduo, certamente, deve ser uma tarefa importante para a ciência da modificação comportamental. Entretanto, permanece o sério problema de identificar como a ciência pode ser usada. Muito da modificação do comportamento atual está vinculado a valores e formas pré-revolucionárias. Como deve operar a mudança, no manejo da sala de aula e em outros casos de modificação do comportamento, de modo que o trabalho possa ser potencialmente

útil na transformação do homem em direção a um novo sistema de valores revolucionários? Trata-se de uma pergunta difícil, a qual devem responder psicólogos interessados em servir a um sistema de valores diferente. Nenhuma resposta definitiva pode ser oferecida neste artigo, ainda que, ao que parece, uma base valiosa para essa tarefa será encontrada na análise experimental do comportamento. O livro de *Skinner Beyond Freedom and Dignity* oferece uma análise valiosa dos procedimentos de mudança do comportamento em um contexto cultural, e, como tal, poderia ser um guia útil na direção de uma sociedade revolucionária.

Ainda que eu tenha sugerido que grande parte do trabalho de modificação do comportamento seja contrarrevolucionário, há alguns exemplos que se adequam ao tipo de sistema que cabe em uma nova sociedade. Um exemplo é encontrado no livro de *Skinner Walden II*, no qual ele descreve uma sociedade igualitária com dirigentes que não têm nenhum *status* especial, desempenhando também tarefas comuns. Ele descreve um sistema de créditos de trabalho com propriedades bastante interessantes, tais como um reforçamento por fichas societal. A quantidade de trabalho total é constantemente reavaliada e “créditos de trabalho” são divididos entre as atividades. O princípio da atribuição de créditos é inversamente proporcional a quanto cada trabalho é desejável, o que é determinado empiricamente. Isto é, um trabalho altamente indesejável ganhará mais créditos, e a pessoa que o escolher não terá de trabalhar mais do que uma hora por dia, enquanto que uma pessoa que escolher uma atividade mais prazerosa, terá de trabalhar quatro horas diárias. Existe um prêmio quando as técnicas são aprimoradas e nenhuma necessidade de “frente de trabalho” [“*make-work*”], pois quando as tarefas são realizadas de modo mais eficiente, menor a quantida-

de total de trabalho, o que é melhor para todos. Apesar de se tratar de uma sociedade fictícia, atualmente o sistema de créditos de trabalho está sendo testado em uma comunidade experimental denominada *Twin Oaks*, próximo a Lyons, Virgínia.

Um segundo exemplo de sistema compatível com valores revolucionários é encontrado no sistema de Keller (1968) para conduzir um curso de psicologia em uma faculdade. Com a leitura, o trabalho de laboratório e outros materiais básicos, questões e exercícios são preparados para o estudante. As respostas preliminares sobre o material de estudo são revisadas e discutidas com outros estudantes (monitores) que completaram anteriormente as unidades com sucesso. Ainda que algumas palestras e demonstrações possam ser dadas pelo professor, elas são pouco frequentes e não são exigidas. A condução das atividades cruciais do curso passa para as mãos dos estudantes, que completam suas próprias unidades e/ou monitoram seus pares. O elitismo das salas de aula tradicionais é reduzido.

Um terceiro exemplo emerge de um esforço deliberado para usar os princípios do reforçamento na luta por justiça social. Miller e Miller (1969) desenvolveram uma economia de fichas (usando o “dinheiro da liberdade”) para reforçar os beneficiários da previdência social por atividades de organização e trabalho em defesa dos direitos ao benefício. Embora, inicialmente, eles tenham arranjado o reforçamento para coisas como comparecer às reuniões quando as atividades começaram a funcionar, o grupo assumiu a tarefa de determinar os critérios para o reforçamento e para a liberação dos reforçadores.

Um quarto e último exemplo é uma mudança mais profunda, menos compatível com a modi-

ficção do comportamento tradicional, e, como consequência, mais difícil de se enquadrar no sistema antigo. Rozytko, Swift, Swift e Boggs (1971) criaram um ambiente terapêutico para pacientes alcoolistas no *Mendocino State Hospital* na Califórnia. Os “pacientes” transformaram-se em “estudantes”, que, por meio do estudo da psicologia comportamental, desenvolveram a visão de que seus problemas poderiam ser enfrentados, alterando as condições determinantes, e trabalhando os diferentes problemas que o beber havia lhes causado. Individualmente eles desenvolveram seus próprios procedimentos de dessensibilização com a ajuda e crítica de seus pares – os outros “estudantes”. As condições foram criadas para aumentar sua autoestima e para lidar com os tipos de situações sociais que, no passado, constituíram problemas para eles. Em resumo, uma comunidade de companheiros reforçadora foi estabelecida, o que mudou os valores, as atitudes e o comportamento social de seus membros, usando como base os princípios do comportamento. O trabalho é o mais crítico de todos, porque eles prescindiram do reforçamento tangível direto de um sintoma específico; e, ao invés disso, construíram um sistema de reforçamento social planejado para mudar o conceito que o “estudante” tem de si mesmo e a natureza de seus sistemas de reforçamento.

\*\*\*

Se uma ciência do comportamento estiver a serviço de uma nova sociedade igualitária, temos que fazer grandes mudanças no modo que trabalhamos. Em primeiro lugar, devemos parar com o trabalho que tenha maior probabilidade de servir à riqueza e ao poder. Em segundo lugar, deveríamos

adaptar nosso trabalho mais às necessidades diretas das pessoas que lutam para se livrar do controle e da exploração da elite que se encontra no poder. Isso inclui tanto a análise das formas de controle usadas na sociedade, quanto o desenvolvimento de meios de contracontrole que possam ser usados pelos indivíduos com recursos muito limitados. E, em terceiro lugar, deveríamos explorar formas de modificação do comportamento compatíveis com um sistema de valores igualitário, não materialista e não elitista, que poderia ao menos ser construtivo para desenvolver os meios para a necessária mudança revolucionária no homem.

## REFERÊNCIAS

- American Institutes for Research. (1967). *Counter-insurgency in Thailand. A research and development proposal submitted to the Advanced Research Projects Agency*. Pittsburgh, Pennsylvania.
- Datel, W. E., & Legters, L. J. (June, 1970). *The psychology of the army recruit*. Paper presented at the meetings of the American Medical Association, Chicago, Illinois.
- Domhoff, G. W. (1967). *Who rules America?* Englewood Cliffs, N. J.: Prentice-Hall.
- Domhoff, G. W. (1970). *The higher circles*. New York: Random House.
- Gordon, T., & Hemer, D. (1964). *Reports on a long-range forecasting study*. Santa Monica, California: Rand Corporation.
- Hoffman, A. (1971). *Steal this book*. New York: Grove Press.
- Illich, I. (1971). *Deschooling society*. New York: Harper & Row.
- Keller, F. S. (1968). *Goodbye teacher...* *Journal of Applied Behavior Analysis*, 1, 78-89.
- Kesey, K. (1972). *One flew over the cuckoo's nest*. New York: Viking.

- Marshall, S. L. A. (1966). *Men against fire* (rev. ed.). New York: William Morrow.
- Miller, K., & Miller, O. (September, 1969). *Maintaining attendance of welfare recipients in self-help programs by supplementary reinforcement*. Paper presented at the meetings of the American Psychological Association, Washington, D.C.
- Orwell, G. (1949). *1984*. New York: Harcourt, Brace.
- Powell, W. (1971). *The anarchist cookbook*. New York: Lyle Stuart.
- Radicals: *The bomb suspect*. (1972). Newsweek, 79(4), 17.
- Reich, C. A. (1970). *The greening of America*. New York: Random House.
- Rozytko, V., Swift, K., Swift, J., & Boggs, L. J. (1971). *Controlled environments for social change*. Unpublished. Mendocino, California: Mendocino State Hospital Operant Behavior Modification Project.
- Schwitzgebel, R. L. (1968-69). A *remote instrumentation system for behavior modification: A preliminary report*. In R. Rubin & C. M. Franks (Eds.), *Advances in behavior therapy* (pp. 1-9). New York: Academic Press.
- Selective Service. (July, 1965). *Channeling*. Washington, D. C.: U. S. Government Printing Office.
- Skinner, B. F. (1948). *Walden two*. New York: Macmillan.
- Skinner, B. F. (1971). *Beyond freedom and dignity*. New York: Knopf.
- Walters, H. C. M. (1968). *Military psychology: Its use in modern war and indirect conflict*. Dubuque, Iowa: Wm. C. Brown.
- Westin, A. F. (1970). *Privacy and freedom*. New York: Atheneum.